

Este texto foi lido em encontro promovido pela Associação dos Professores de Uruguaiana, em 14/11/1997.

Gaúcho – gênese e mito

Introdução

Na primeira parte – a gênese –, procuro refletir a respeito do sentido de nomear e da significação do nome *gaúcho*. Procuro relacionar a nomeação à atividade dos gaúchos e como se generalizaram a nomeação e as atividades características deles. Na segunda parte – o mito – tento expor uma concepção de *mito* com a qual relaciono a análise. Por fim, procuro mostrar como alguns textos literários trabalham com essas questões.

A gênese

A existência do ser está intimamente ligada à nomenclatura. A palavra organiza o mundo e o reelabora. Os livros ditos sagrados se referem à *palavra do início*. Falam, p. ex., que "no princípio era o verbo". Entre os mitos conhecidos por todos, o do paraíso terrestre nos fará lembrar da tarefa de Adão de dar nomes aos seres que o circunstanciavam. No conto de base lendária *A salamanda do Jarau* redigido por Lopes Neto, Blau Nunes se refere à dificuldade que teve com o manejo da palavra para dizer à Teiniaguá que o que ele procurava era ela, mas não soube dizê-lo.

Vejam os que ocorreram com a palavra *gaúcho*. Há pelo menos uma dezena de possibilidades etimológicas para a palavra. Sua radicação significativa, portanto, não está definitivamente delineada. Há quem fale de "centenas" de possibilidades etimológicas, mas não sei nesse caso até que ponto não se trata de equívoco. Examinemos quatro possibilidades bastante coerentes: (1) A palavra nos teria chegado do espanhol, a partir de *chaucho* (tropeiro, pastor). O caminho semântico da palavra estaria marcado pelo sema *gado* (bovino). Teria percorrido longo caminho, a partir do indo-europeu *gwo*, *gwow* (boi, vaca). Do indo-europeu teria chegado ao persa (*gauchi*) e daí ao árabe (*gauch*) que o teria passado ao espanhol. (2) Outra trilha indica o nome provindo (também do espanhol) de *garrocha* ou *garrucha*, espécie de lança com a extremidade de ataque em forma de meia lua, para desgarrar gado xucro. Como essa foi a atividade principal dos coureiros, i. é, constituiu a prática inicial na vida dos gaúchos, ou gaudérios, ou índios vagos, ou andantes, a relação semântica tem coerência. (3) A terceira trilha etimológica aponta à possibilidade de o termo ter-se originado do idioma araucano (*cachu* ou *cauchu*), com acepções que rondam as ideias que as outras palavras

examinadas expressam. (4) Há ainda a possibilidade da origem quíchua (a partir de *uajcha*) que significa pobre, órfão; daí também *guaxo*. É possível perceber que todas as origens levantadas carregam sinais semânticos de atividades e de formas de vida dos gaúchos. Resumindo, se poderia dizer que expressam significações muito próximas das noções que temos de *tropeiro*, *andante*, *pobre*, *solitário*.

Como já é tradicional dizer, os gaúchos eram em geral homens de origem mestiça, predominantemente proveniente do acasalamento de espanhóis e portugueses com índias. Muitos gaudérios, no entanto, eram paulistas (vicentinos) chegados a estas terras em consequência dos deslocamentos para a guerra, para o comércio e apresamento de índios para o serviço escravo. Moacir Santana (apud Cardoso) não vê no gaúcho apenas um homem fisicamente preparados para essas lidas. Vê-o como um homem psiquicamente organizado para o enfrentamento dessa vida peculiar. É também comum se ouvir que o gaúcho era um vagabundo, i. é, um *vaga-mundo*, um andante sem fixação à terra nem ao lar, provavelmente porque não o tinha. A sobressignificação de vagabundo como termo depreciativo, no caso que examinamos, se deve à maneira como esse homem andarilho era visto pelos europeus. Os europeus provinham do período de declínio do feudalismo e tentaram reimplantá-lo aqui. (O Novo Mundo que imaginaram deveria ser construído à imagem e semelhança do Velho, ou seja, continuaram num mundo velho.) Alguns desses homens traziam cartas reais de propriedade e posse sobre a terra. Como aceitariam a liberdade dos índios e dos gaúchos diante da imposição do trabalho e do senhorio instituído pela aristocracia? Principalmente: como aceitariam a liberdade deles diante da necessidade dessa mão-de-obra para o trabalho que precisaram desenvolver? Como poderiam prescindir deles para dominar o meio ambiente e criar o logro (lucro). O gaúcho em geral era em todos os sentidos mais próximo dos índios do que dos brancos, conforme atestam documentos de várias origens. (Aliás, até hoje expressões como índio velho, p. ex., aponta ao gaúcho.) Os ameríndios não tinham conceito de propriedade nem usavam dinheiro. Não se estabeleciam, i. é, não se sedentarizavam. O dinheiro nada significava na vida deles, já que desconheciam o lucro, que a noção da moeda acarreta. Com isso, esse tarefeiro desinteressado pelo dinheiro e pela propriedade serviu plenamente para o estabelecimento dos centros de criação de gado, as estâncias. Uma das tarefas desses homens era coletar o gado xucro a serviço dos proprietários de terra, ainda que esse gado não fosse necessariamente dos mesmos proprietários. A tarefa das estâncias representou o *aprisionamento* do homem andejo. (Nesse sentido é que se pode dizer que era livre). Nesse momento, segundo Donald

Schüler, é que o mito do gaúcho começa a ser elaborado no imaginário coletivo. (Retomarei isso no item *mito*, segunda parte da exposição destas reflexões.)

A presença física do gaúcho é constatada a partir de meados do século 18. A primeira fixação do homem europeu em nosso território também se deu nesse século, em consequência da construção e da manutenção da fortificação portuguesa de Rio Grande, origem da cidade de Rio Grande, a partir de 1737. (Seja considerado, apesar disso, que os jesuítas tinham chegado no século 15.)

A chamada de idade do couro na formação das atividades mercantis na Campanha trouxe outro nome ao gaúcho: *guasca* passou a ser chamado (por metonímia e por metáfora), pela atividade de courear e vender o couro e pela utilização do couro em quase tudo que fazia para sobreviver e se organizar no meio ambiente: arreios, calçados, roupas, utensílios, embarcações e o próprio rancho.

A dignificação das denominações (gaúcho, gaudério, guasca etc) chegou por meio da dignificação do modo de vida desse homem. A denominação se foi generalizando, principalmente a partir da segunda metade do século 19. A partir disso é que qualquer habitante do lugar foi sendo chamado de gaúcho. Mais recentemente, de modo análogo, as outras denominações – gaudério e guasca, p. ex. – adquiriram dignidade ao nominar o fundador da condição humana local, marcado por escala de valores que ainda hoje é festejada. Esses valores constituem o arcabouço da elaboração do mito. A figuração social desses valores no mito não se restringe aos cultores do nativismo ou, se quisermos, do atavismo telúrico. Ela se prende à necessidade da construção da identidade individual e coletiva. Para essas elaborações, contribuíram sobremaneira o romance romântico (pelo menos a partir de 1847), o levantamento das produções orais feito por Simões Lopes Neto no *Cancioneiro guasca* (1910) e especialmente o discurso elaborado por ele (Simões Lopes) na construção do Blau Nunes dos *Contos gauchescos* (1912) e das *Lendas do Sul* (1913). Nesse discurso se consagra o texto mítico. De tal forma isso se solidificou, que, mesmo durante a elaboração do *romance de trinta* no RS, ainda assim o ponto de partida para as reflexões ideológicas dos textos continuou sendo o gaúcho, ainda que, então, subnomeado de *gaúcho a pé*.

O mito

Tomo a concepção de mito como história fundadora e explicativa do mundo, especialmente do mundo circunstancial. Diz Carlos Fuentes que o mito é a verdade verdadeira. Ele faz a afirmação em razão do sentido coletivo e fundador que o mito tem e de implantador do universo cultural. O mito é expresso no único discurso possível para determinar as nuances da cultura que

o elabora. Antes do discurso mítico não há discurso próprio identificador da ordem cultural. Esse é o maior esforço de *Macunaíma* (1928) de Mário de Andrade, já nos fins da primeira fase modernista. Sobre o mito ainda: a Antiguidade é pródiga nisso. Quem, por exemplo, negaria a propriedade e a excelência dos mitos gregos antigos na expressão do mundo do homem geral da Grécia antiga, como o mito de Sísifo ou o de Prometeu? ou o mito hebreu da torre de babel?

A primeira vez que o texto literário fala do gaúcho como integrante definidor do universo agreste sul-rio-grandense e o descreve como característico, em separado da concepção de *homem rio-grandense*, aconteceu no romance *O corsário* de Caldre e Fião, publicado originariamente em 1849. No romance anterior do mesmo autor, *A divina pastora*, publicado dois anos antes, a palavra ainda não ocorre com essa significação. Caldre e Fião é o nosso primeiro romancista. José de Alencar reelaborou o gaúcho, com base em documentação e, numa suposição de quase certeza, a partir do romance de Caldre e Fião, no texto do romance *O gaúcho* (1870). Manuel Canho, o protagonista de *O gaúcho*, já tem então uma escala de valores bastante particular e representativa da comunidade social dos gaúchos. Canho é andarilho, campeador, guerreiro, leal, amigo dos amigos, afeito principalmente aos cavalos e ao meio onde vive, vingador, forte, corajoso, solitário. Depois viriam vários outros textos de cunho romântico elaborados por escritores gaúchos, enaltecendo as qualidades da figura social do gaúcho, mas ainda qualidades socialmente generalizantes, i. é, sem distinguir claramente os proprietários dos dependentes deles. Os gaúchos (sem propriedade) se fizeram dependentes, em razão da implantação das cercas e da definição legal do contrabando e do furto (noções novas para quem não concebera a de propriedade) como lesivos ao patrimônio nacional e particular. Aí teria morrido o gaúcho andante, livre (no sentido aqui tomado), descomprometido com a ordem dominante. É nesse momento especialmente que o mito, i. é, o texto da fundação do protótipo humano, começa a ser construído e se fixar. Ele passaria a identificar o homem e a região.

No começo do século 20 apareceram contos e romances examinando a condição do homem particularizado, indigitado como gaúcho: aí já o gaúcho é tomado como o homem despossuído, sofredor, cercado de violência, especialmente de violência social. A violência e a honra o acompanham nos textos de Simões Lopes: quando o discurso da prosa artística do RS se estabelece definitivamente com qualidades que o delineariam. Mário de Andrade foi um dos modernistas a reconhecer isso. Na consolidação do modernismo, o romance de trinta, especialmente com Cyro Martins, desmistificará a grandeza e tentará simultaneamente desmitificar a figuração já construída. Noutras palavras: destituirá a aura de poder com que fora o gaúcho

comum coroado no Romantismo. O gaúcho, como o índio, o sertanejo e a mulher foram coroados por razões de delineamento das marcas da nacionalidade brasileira e pela valorização do que os românticos entenderam por povo. Contemporaneamente, a partir especialmente dos últimos anos da década de 1970, o romance gaúcho procurou, particularmente, revisar a história oficial contada. *A prole do corvo* (1978) e *Manhã transfigurada* (1982), ambos de L. A. de Assis Brasil, são característicos desse momento. Paralelamente, ressurgiu no RS a literatura dos pobres, subalternos. Entre nós, no RS, essa literatura teria em Donald Schüler expressivo representante. Essa é a literatura de dissidência, maneira muito recente de conceber a literatura brasileira sem o aprisionamento das escolas literárias e dos cânones europeus. O romance *O tatu* nesse sentido é exemplar. O Tatu, protagonista e também às vezes narrador, é o nosso homem *de baixo*, ou, se quisermos, mais propriamente, *da toca*. O discurso textual de *O tatu* descaracteriza a aura heroizante, particularmente por dois motivos: (1) porque o herói é na verdade anti-herói e expressão do homem comum *da toca*, sem pacto com os deuses nem com o demônio e (2) em virtude do discurso dessacralizador. (Para refletir com parâmetro da chamada de grande literatura, examinemos: O jagunço Riobaldo de *Grande sertão: veredas* (1956), com discurso próprio como lhe ensinara Blau Nunes, é pactante do diabo, para enfrentar o próprio diabo na pele do homem que vem para fazer o mal.) O Tatu não é pactante. O inferno é a própria vida dele. É um despossuído, socialmente traído, perdedor, sem a aura do mito tradicional, sofredor, destituído de qualquer marca heroizante da concepção tradicional, algumas vezes marginalizado por injusta dependência, outras vezes marginal por condição.

Donald Schüler, que também é crítico, ensaísta e teórico, a quem devemos o mais apurado estudo sobre a elaboração da poesia no Rio Grande do Sul, destaca com precisão, em *A poesia no Rio Grande do Sul* (1987), os dois veios básicos dos textos da nossa literatura. Ele diferencia o falso texto mítico do discurso do homem de baixo que reflete sobre sua própria condição. Ele define como *texto monárquico* o texto que alguns denominam de *gauchesco*. (Literatura gauchesca, expressão tomada genericamente, é designação imprecisa e imprópria para dizer a literatura gaúcha. Marca, no entanto, com clareza, a tendência que certa literatura tem à falsificação.) Essa literatura falsamente expressiva do gaúcho tem sido produzida fora do âmbito social do homem de quem ela trata. É o texto das *monarquias*, muitas vezes confundido com o texto de representatividade gaúcha. A esses textos às vezes se tem dedicado estudo como se fossem a própria expressão da literatura gaúcha ou do mito que a acompanha. (O mito é fundador, representativo e permanente. Só pode ser compreendido se for lido dentro do campo significativo

(semiótico, mais propriamente) das condições culturais sob as quais foi elaborado.) O outro lado da expressão literária gaúcha Schüler denomina *texto arcaico*, quer dizer, texto do princípio, o texto efetivamente instaurador, primordial. Durante algum tempo esses textos foram desconsiderados por razões de interesses extraliterários. Os textos arcaicos fundaram a literatura proveniente da oralidade dialógica, como se constata na narrativa versificada (paralela ao gênero musical e à dança) *O tatu*, na qual se assenta tematicamente o rimance homônimo acima comentado. A narrativa popular versificada (anônima), composta em quadrinhas heptassílabas, foi relegada durante algum tempo ao que se convencionou chamar de folclore. Com isso foi condenada ao preconceito e à desconsideração. Desse veio é que se constrói atualmente o debate a respeito das verdadeiras condições do homem que pensa sobre si e se diz, no único discurso capaz de realmente o expressar.

Concluindo

A confusão entre o *monarca das coxilhas* poderoso, centralizador das decisões e das ações pelo domínio do poder e generalizado como o homem comum do Pampa, e o gaúcho a pé do campo, sem posses nem poder de decisão, é que se estabeleceu a discussão cuja sequência estamos empreendendo neste encontro e que se tem desenvolvido também em textos crítico-teóricos. O gaúcho do campo passaria a ser conhecido como gaúcho a pé a partir de Cyro Martins. Nem por isso, contudo, o mito deixa de ser fundador e construtor do que costumamos chamar de identidade. Haja vista a busca do mito fundador por parte das culturas (em geral em elaboração) que não o têm. Essas culturas em geral lançam mão de mitos em elaboração ou já elaborados, ainda que provenientes de outras regiões culturais, mas que se aproximem, muito ou pouco, das suas aspirações sociais e efabulação fundacional do imaginário coletivo. Veja-se o desenvolvimento dos estudos a respeito das identidades culturais que se desenvolvem hoje em todo mundo (ocidental, pelo menos). A denominada globalização, que veio ameaçando arrasar o sentido das culturas identitárias, provocou reação imediata entre os pensadores humanistas em geral, em particular na universidade.

Referência

- ALENCAR, José de. (Sênio.) *O gaúcho*. 4. ed. São Paulo: Melhoramentos, [s. d.]
- CALDRE E FIÃO. *O corsário*. Nota preliminar por Guilhermino Cesar; fixação do texto por Rosa Maria Hessel Silveira. Porto Alegre: Movimento : IEL; Brasília: INL, 1979.

- FUENTES, Carlos. *La nueva novela hispanoamericana*. México: J. Mortiz, 1969.
- LOPES NETO, João Simões. *Contos gauchescos e lendas do Sul*. 2. ed. Porto Alegre: Globo, 1954.
- SCHÜLER, Donald. *A poesia no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto : IEL, 1987.
- _. *O tatu*. Porto Alegre: Movimento, 1982.

Bibliografia

- ALBECHE, Daysi Lange. *Imagens do gaúcho: história e mitificação*. Porto Alegre: Edipucrs, 1996.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. 2. ed. Trad. por J. Guinsburg e Miriam Schnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- CESAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul (1737-1902)*. Porto Alegre: Globo, 1956.
- _. *Primeiros cronistas do Rio Grande do Sul (1605-1801)*. 2. ed. Porto Alegre: Edurgs, 1981.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 2. ed. Trad. por Pola Civelli. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- FUENTES, Carlos. *El espejo enterrado*. México: Fondo de Cultura Económica, 1994.
- HOHLFELDT, Antônio. *Literatura e vida social*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.
- LOPES, Cicero Galeno. A emergência da linguagem seqüestrada no sul do Brasil. In BERND, Zilá; DE GRANDIS, Rita. *Produção literária e identidades culturais*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1997, p. 209-217.
- _. A reconstrução do rimance. In _ (org.). *Textos e personagens: estudos de literatura brasileira*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto, 1995, p. 88-102.
- MEYER, Augusto. *Cancioneiro gaúcho*. Porto Alegre: Globo, 1952.
- _. *Gaúcho: história de uma palavra*. Porto Alegre: IEL, 1957.
- OLIVEN, Ruben George. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- PONT, Raul, *Campos realengos: formação da fronteira sudoeste do Rio Grande do Sul*. 2 v. Porto Alegre: Renascença, 1983.